

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ ROLLEMBERG LEITE NETO, PROFERIDO EM 15 DE MARÇO DE 2024

(Saudações aos membros da Academia, autoridades, convidados especiais e público presente.)

I

Aqui estou, aos exatos 49 anos idade, a iniciar este novo capítulo de minha vida, agora como membro da Academia Sergipana de Letras Jurídicas.

Nesse momento especial, quero me apegar a uma reflexão de Hannah Arendt.

Ela observou que, enquanto o **conhecimento** é algo que podemos diretamente buscar e adquirir, o **reconhecimento** é um **presente** que nos é outorgado pela coletividade humana, um prêmio que não se exige, mas que graciosamente nos é concedido.

Este pensamento ressoou fortemente em mim, agora que me encontro diante do **privilegio** de ser acolhido nesta instituição, tomando assento na cadeira número 29, que tem por patrono Sílvio Romero, a quem reputo **o mais vasto** de todos os pensadores da história de Sergipe e um dos pilares das ciências sociais no Brasil.

Se Tobias Barreto é, acima de qualquer dúvida, o mais profundo e perene dos pensadores sergipanos, Romero é o dilatador de suas ideias, o expensor de seus entendimentos, o melhorador de seus argumentos, a cria de sua potente e original inteligência.

Falarei mais dele daqui a pouco.

Isso porque, ainda no prólogo deste discurso, não devo dizer nem uma palavra a mais sem fazer alguns agradecimentos.

II

Expresso, primeiro, minha sincera gratidão a todos os membros desta Academia, meus novos pares, pela calorosa recepção e pela honra singular que me conferem.

Dirijo, em particular, meus agradecimentos a Luiz Eduardo Oliva, estimado colega e animado Acadêmico, cujas palavras de boas-vindas refletem a gentileza e o encorajamento que me foram constantemente oferecidos desde quando convidado e eleito.

Na sua pessoa peço que todos os meus Confrades se sintam cumprimentados e abraçados.

Também peço licença aos meus pares para fazer uma destacada saudação a minha tia Clara Leite de Rezende, responsável por que eu - e muitos de minha geração - entendêssemos que o Direito é um caminho profissional nobre.

Desembargadora, a senhora sempre foi uma grande incentivadora, um exemplo luminoso.

Sou advogado há um quarto de século e me percebo, ainda hoje, encantado por sua capacidade de reunir ternura e Direito.

Essa é uma notável virtude.

Na constituição dos meus sonhos, que rege as minhas utopias, a exigência para a investidura dos julgadores conjuga reputação ilibada e notável ternura a algum saber jurídico.

Na sua figura radiante, envio a todas as Confreiras a minha sincera gratidão por me permitirem estar em seu meio.

Pelas estradas que percorri, tenho outros débitos acumulados que devo tentar saldar.

Agradeço aos meus professores, alguns aqui presentes.

Sem os senhores e as senhoras o meu entendimento das coisas do mundo seria menor.

Já foi dito que ensinar é deixar vestígios de si no pensamento do outro.

É assim que me sinto, um recipiente das ideias das senhoras e dos senhores.

Deveria ter sido melhor aluno, pois tive os mais qualificados mestres.

A todos represento em Jônatas Meneses, que me fez apaixonado por história.

Agradeço aos meus alunos, por haverem sido pacientes com minhas deficiências e por me ensinarem que saberá direito quem melhor pergunta e não quem mais responde.

Avanço.

Aos meus amigos e amigas, muito obrigado.

Alguém já disse que a amizade verdadeira dura para sempre.

Não tem as tempestades da paixão, nem a calmaria exagerada do descompromisso.

É a bonita sensação do estar perto e, de repente, poder deixar o silêncio chegar.

Ou de rir de uma bobagem sem sentido, que dita por outras pessoas seria sem qualquer propósito.

Deus me deu a boa fortuna de ter amigos leais.

A alguns eu pude chamar de sócios.

A outros ainda posso chamar.

A esses e àqueles eu agradeço a benção do convívio no trabalho duro e honesto, do companheirismo nos dias de êxito e nos de dificuldades.

Em dois gravo especial gratidão: **Geraldo Resende Filho**, de ontem, maior inteligência emocional que conheço, e **Eduardo Ferrão**, de hoje, maior dentre todos os advogados que vi trabalhar.

A alguns amigos eu chamo constituintes e a eles agradeço a confiança, matéria prima sem a qual não se fabrica um advogado.

Obrigado às senhoras e senhores pelo pão que ponho em minha mesa.

A alguns chamo de compadres e comadres e agradeço por apadrinharem meu casamento, compartilharem seus filhos e receberem os meus entre os seus.

Mas a todos, os de infância, os de escola, os de faculdade e os de hoje, eu declaro que é bom percorrer as estradas da vida na companhia de gente tão boa.

Que sorte eu tenho!

No alto dos agradecimentos, está a minha família.

Agradeço aos meus avós, **José e Lourdes** e **Bernardino e Lúcia**, cuja terna lembrança me guia como um farol.

Foram presenças marcantes na minha existência até que o comando natural inevitável os chamou, deixando a saudade, mas, também, a certeza de que seus valores continuam por sua descendência.

Dr. José é uma tatuagem em meu caráter, uma recordação constante dos elevados valores que meu nome carrega.

Não é um peso que me detém, mas um motor que me eleva.

D. Lourdes foi o exemplo mais impressionante de esposa dedicada que eu já testemunhei.

Ainda hoje me pego impressionado de seu olhar embevecido mirando o seu companheiro de toda a vida.

Seu Bernardo foi carinho e atenção absolutos.

Um avô que chegava nos sábados de manhã com beiju e pé de moleque e pedia pra olhar minhas unhas para saber se estavam cortadas.

Que dava uma semanada depois de perguntar a minha Mãe se eu havia me comportado bem naqueles dias.

Com essa semanada eu comecei a minha biblioteca.

Minha avó **Lúcia**, a quem só de ouvir sua voz me chamando de “Zezinho” já me encho de doçura.

Meus tios e tias, primos e primas, que, por serem muitos, não cabem nesses quinze minutos.

Por todos eles e elas, três nomes, que sei que estão aqui presentes, cofiando os seus bigodes: **José Tadeu, José Bernardino e José Aurélio**: eu não lhes esquecerei jamais.

A meus pais, **Alberto e Sônia**, preciso fazer um preito de gratidão que o tempo deste discurso não permite estender o quanto seria necessário.

Terei de ser breve, como impõe a cerimônia, mas nem por isso menos intenso em meus sentimentos.

Pai, obrigado por me ensinar a virtude da **generosidade** e a **grandeza** do desprendimento.

Mais valioso do que um pai que orienta verbalmente, é um pai que guia através de seus exemplos.

Nunca o vi tratar alguém com deferência pela envergadura das posses, pela elegância dos trajes, ou pelo porte dos títulos.

Para o senhor as pessoas sempre mereceram igual respeito e consideração.

Sou profundamente grato por essa lição.

Sei que a sua saúde não lhe permitiu estar aqui agora, mas espero que possa estar ouvindo isso.

Obrigado por me dar o imenso orgulho de ser seu filho, Dr. Alberto.

Sua bênção, meu pai.

Mãe, obrigado por me fazer gente.

Por ter construído os alicerces da minha personalidade.

Por me colocar no mundo, me pôr de pé, me ensinar a caminhar.

O seu amor materno transcendeu todos os limites, mantendo-se firme e inabalável frente a todos os desafios que se apresentaram.

Não foram poucos, nós sabemos.

Sem o seu primeiro **amor**, D. Sônia, eu desconheceria todos os outros.

Não saberia reconhecê-los.

Sua bênção, minha Mãe.

Agradeço aos meus irmãos, feitos da mesma matéria que eu.

Vocês dividiram teto e chão comigo, são, desde sempre, meus melhores amigos nessa jornada.

Somos muitos, mas peço permissão para falar diretamente a **Beto, Ricardo, Tiago e Tamyres**: ter um irmão significa ter um guardião das memórias da infância em outro coração.

Guardem-nas com o mesmo afeto com que as protejo em meu cerne.

Obrigado também por elastecerem nossa família com cunhadas, sobrinhos e sobrinhas que dizem conosco: **Vai, Corinthians!**

De olhos marejados, agradeço, em especial, a **Alba**, amor da minha vida.

Que me deu filhos amados, mas também uma outra família, que posso também chamar de minha.

Cada manhã, Alba, traz a alegria de acordar ao seu lado.

Cada noite me dá o conforto da sua companhia.

Como disse a poeta: *“Não és sequer razão do meu viver, pois que tu és já toda a minha vida!”*

Eu não estaria aqui se você não tivesse me trazido.

Para você, Alba, eu declino as estrofes da nossa música:

“Perhaps love is like the ocean

Full of conflict, full of pain

Like a fire when it's cold outside

Or thunder when it rains

If I should live forever

And all my dreams come true

My memories of love will be of you...”

Agradeço aos meus filhos, **Bernardo e Brisa**, minhas melhores obras.

Vocês são a permanente fonte de energia em que me abasteço, minha atualização existencial.

Eu amo vocês de um jeito que nem que rasgasse o peito e expusesse o coração poderia revelar o quanto sinto.

Nada fala o bastante sobre a explosão dessa sensação venturosa de felicidade de ser pai de vocês.

Eu amo vocês.

E dou, de joelhos, graças a **Deus**.

Não há expressão que possa descrever o quanto meu coração é cheio de **gratidão**, Senhor.

Nesse momento de júbilo, canto o salmo: *Tu és, Senhor, o meu Pastor e sei que nada, em minha vida, faltará!*

Nunca faltou.

III

Devo ter esquecido de alguém e peço desculpas, mas tenho de prosseguir com esse discurso, que deveria ser mais curto, mas que a alegria da ocasião inflama de palavras.

Tomando emprestadas as de **Santo Agostinho**, afirmo: a sede da alma está na memória.

Faço dessa máxima o lastro do meu compromisso nesta Academia, buscando honrar a cadeira que agora ocupo, assim como declaro meu desejo de contribuir para o nosso coletivo esforço de enriquecimento intelectual e cultural.

Ao me incorporar à Academia Sergipana de Letras Jurídicas, reconheço a importância desta instituição como baluarte da expressão intelectual e da preservação do patrimônio cultural em nosso estado.

Aqui estão professores, advogados, magistrados, membros do Ministério Público de ontem e de hoje, de todos os graus.

Aqui está a quintessência da experiência jurídica de nosso Estado.

Afirmo: é uma **honra** estar aqui.

Uma honra e uma **responsabilidade**.

Vivemos tempos em que, mais do que nunca, o papel dos intelectuais é questionado e, muitas vezes, injustamente desvalorizado.

Confrontamo-nos com uma onda crescente de irracionalidade e polarização ideológica, que desafia os pilares da democracia e da coesão social.

Há livros sendo banidos.

Em 1823, o poeta Heinrich Heine escreveu: *“Dort wo man Bücher verbrennet, verbrennt man auch am Ende Menschen”*.

Onde se queimam livros, no final homens serão queimados.

Está é uma casa de letras.

Neste cenário, a responsabilidade de instituições como a nossa é imensa.

Somos chamados a ser esteios de razão, promovendo o diálogo e a compreensão em meio às tempestades de desinformação e divisão.

A Academia Sergipana de Letras Jurídicas, em seu compromisso com a cultura, tem um papel a desempenhar nessa frente, contribuindo para elevar o debate público e enriquecer o discurso civilizado no nosso pequenino, mas corajoso Estado.

É com este espírito que me uno, como o mais limitado dos membros desta Casa, com a esperança de somar forças na defesa e promoção dos valores que nos agregam, em prol de uma sociedade mais justa, informada e reflexiva.

IV

Eminentes Autoridades,

Senhor Presidente,

Caros Confrades e Confreiras,

Queridos amigos e amigas:

Como manda a praxe, é hora de falar do patrono da Cadeira 29.

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero foi um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos e, também, um dos menos reconhecidos.

Em 63 anos de existência, foi um fenômeno de realizações.

Nasceu em 21 de abril de 1851, em Lagarto, Sergipe.

Seus pais eram portugueses: André Romero, comerciante, e Maria Vasconcelos da Silveira Ramos, dona de casa.

Suas primeiras letras foram em Lagarto, na fazenda da família.

Seguiu, em 1863, para o Rio de Janeiro, onde foi aluno do Ateneu Fluminense.

Em 1868, mudou-se para o Recife, a fim de estudar **Direito**.

Formou-se em 1873.

Isso faz de Romero um contemporâneo do movimento designado “**Escola do Recife**”.

Sob a liderança de **Tobias Barreto** e na companhia de outras eminências intelectuais daquela faculdade, como Aníbal Falcão, Franklin Távora, Araripe Jr., Clóvis Beviláqua, Higino Cunha, Graça Aranha, Artur Orlando e Martins Jr., Romero e essa jovem intelectualidade pugnavam pelo fim do regime legal de escravidão e pela República.

Era a “**Geração de 1870**”.

Ainda no período da faculdade, Romero colaborou em periódicos.

Era um tempo de efervescência intelectual e de intensos debates.

A Guerra do Paraguai, o Movimento Abolicionista, o republicanismo: tudo isso era substância para textos e discussões.

Somavam-se a tais cenários a emergência e consolidação de correntes filosóficas que exerceriam grande influência no pensamento daqueles idos: o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo, de modo especial.

Todas elas insemnaram a visão de mundo de Romero com ideias renovadoras e podem ser percebidas, embrionárias, nos seus artigos e ensaios de jovem acadêmico.

Retornando a Sergipe, foi promotor público em Estância, em 1874.

Em 1875, foi eleito deputado provincial.

Nesse mesmo ano, publicou “Etnologia Selvagem”, indicando seu interesse em temas das origens culturais nacionais, área na qual se aprofundará.

Buscou, então, o título de doutor na faculdade onde estudara.

Na banca, foi questionado pelo professor Coelho Rodrigues sobre determinado tema.

Em resposta, assinalou que: “Nisto não há metafísica, senhor doutor; há lógica!”.

O examinador retrucou que a lógica não excluía a metafísica.

Romero fuzilou: “A metafísica não existe mais! Se não sabia, saiba”.

O avaliador respondeu: “Não sabia!”

Romero: “Pois saiba! Vá estudar!”

Indagado se fora ele, Romero, que a matara, o professor ouviu: “Foi o progresso, foi a civilização!”.

O examinando abandonou o recinto.

Era o polemista nascendo, sob o claro influxo do *zeitgeist*.

Em 1876, mudou-se para Parati, no Rio de Janeiro.

Era, agora, juiz de direito.

Casou-se com Clarinda Diamantina Correia de Araújo, com quem viria a ter quatro filhos.

Em 1878, publicou “A Filosofia no Brasil” e “Contos do Fim do Século”, alternando produção acadêmica e literária, o que fará por toda a vida.

Em 1880, candidatou-se à vaga de professor de filosofia no **Colégio Pedro II**, apresentando a tese 'Interpretação Filosófica na Evolução dos Fatos Históricos', com a qual foi aprovado.

Lecionou ali por quase três décadas.

Tendo fixado residência na Capital Federal, sua produção intelectual cresceu.

Colaborou em jornais e revistas, alternando entre a crítica política e a literária.

Em 1882, publicou 'Introdução à História da Literatura Brasileira', onde expôs sua compreensão da literatura, enfatizando menos os aspectos estéticos e mais os sociológicos, sua grande contribuição nessa área.

Para ele, os textos literários eram meios, fontes para estudos de caso e verificação das teorias filosófico-científicas de seu tempo.

Em 1886, ficou viúvo e, no ano seguinte, casou-se com Maria Liberato, com quem teve mais três filhos.

Em 1892, enviuvou novamente e, pouco depois, casou-se com Maria Petronila Pereira Barreto.

Com ela, teve 12 filhos, elevando sua prole a 19.

(19 filhos! Era uma época sem internet...)

Em 1888, publicou sua obra magna, 'História da Literatura Brasileira', um clássico do pensamento nacional, onde refinou ideias anteriormente dispersas sobre o Brasil.

Em 1891, com a experiência acumulada, tornou-se professor da **Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro** e membro do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, no mesmo ano.

Não se esquivou das disputas políticas locais.

Apoiou, ao lado de Manuel Valadão, o movimento que derrubou o General José Calasans (1863-1948) do governo estadual em 1894.

Era um dos 'pebas' (republicanos florianistas), opostos aos 'cabaús' (monarquistas recém convertidos ao republicanismo).

Em 1899, após um acordo entre os grupos rivais, elegeu-se deputado federal por Sergipe.

Nessa função, foi relator do projeto de Código Civil, que não chegou a ser aprovado.

Na Revolta de **Fausto Cardoso**, em agosto de 1906, apoiou seu contemporâneo de faculdade contra o governador Guilherme de Campos (1850-1923).

A insurreição fracassou e Cardoso foi morto.

Ao mesmo tempo que consolidava sua reputação como estudioso dos temas nacionais e da filosofia, ganhou prestígio.

Tornou-se o maior polemista brasileiro de todos os tempos por meio de debates em jornais.

Seu estilo agressivo e ácido, que soaria rude mesmo hoje, tornava seus textos temidos.

Envolveu-se em discussões famosas com Machado de Assis, Teófilo Braga e José Veríssimo, entre outros.

Um de seus estudiosos lembrou Sílvio foi um polemista, brigou à vontade.

Brigou tanto que escreveu um livro chamado "Minhas Contradições".

Não tinha mais com quem brigar, brigou consigo mesmo.

Completo eu: para corrigir, nesse livro, muito dos seus erros, o que é de uma dignidade intelectual colossal.

Faleceu em 18 de julho de 1914, em **Niterói**, onde havia se estabelecido dois anos antes.

O Aurélio define 'polímata' como 'aquele que estudou ou sabe muitas ciências'.

A definição se aplica a Romero.

Em uma época em que alguns formadores de opinião, parlamentares e juristas às vezes se gabam de sua escassa cultura, é justo doar tempo a alguém que tendo sido os três evitou essa superficialidade e se destacou como um titã do pensamento, dedicando sua vida à disputa culta, embora sujeita a erros, como qualquer ser humano.

A alguém cuja memória sofre hoje agressões por ações e por omissões.

Enquanto Parati onde foi juiz hospeda um fórum com seu nome, em todo o Estado de Sergipe não há nenhum que o homenageie.

Nenhum.

Alguns afoitos lançam sobre a sua memória a pecha de racista e querem “cancelá-lo”.

Logo ele que nos seus estudos sobre a identidade brasileira destacou pioneiramente o papel dos negros escravizados na formação da cultura nacional.

Logo ele, um abolicionista radical.

A ele, que defendeu a libertação dos escravizados independentemente de lei que o exigisse, como uma exigência da consciência.

Sim, Romero **errou** muitas vezes, quase todas em palavras.

Mas, em ações, poucos homens e mulheres de seu tempo fizeram mais do que ele para o reconhecimento da contribuição dos sequestrados, torturados e escravizados na composição de uma cultura que se pode enxergar como genuinamente brasileira.

Estamos falando, Senhoras e Senhores, do primeiro - no tempo e na altitude - folclorista brasileiro.

Enfim, como titular da cadeira que o tem por patrono, assumo a missão de defender a sua memória.

Não postularei a inocência de seus erros, mas o abrandamento das penas injustas que querem impor a quem estava à frente de seu tempo em muitos campos, embora não em todos.

Sou advogado; tenho algumas teses para essas defesas.

Romero merecia defensor melhor, mas farei o que estiver ao meu alcance.

V

Sei que me alonguei.

É hora de finalizar.

Antes de concluir, gostaria de expressar, de novo, minha mais profunda gratidão a todos os presentes, Por haverem doado tempo e atenção a esta solenidade.

Deus lhes pague o bem que me fazem nesta tarde.

Às vezes, nossas intenções não cabem na prosa e precisam de poesia.

O poema de que mais gosto é de um conterrâneo, **Santos Souza**.

Ele fala de esperança e de coragem, duas virtudes magnas e se chama **Baliza**.

Vou recitá-lo porque sei que a alma desse texto é um pouco do bom sentimento que cada um dos presentes carrega em si:

*Cravar a estrela no chão
e dizer à noite: agora,
afaste-se a escuridão
que eu vou chegando com a aurora.
E fazer brotar da terra
- da terra que tudo faz –
não a treva e o ódio da guerra,
mas a luz e o amor da paz.
Que eu vim traçar nos caminhos
(invés de dor e agonia)
a rota livre dos homens
com as tintas claras do dia.*

Muito obrigado a todos.

Paz e bem!